

Pelos (des)caminos da cidade: Vivências e trabalho na cidade de Manaus

Profa. Dra. Patrícia Rodrigues da Silva¹

Resumo

O artigo propõe uma reflexão acerca da constituição da cidade a partir da utilização e dos sentidos diversos que os espaços citadinos adquirem para os diferentes grupos sociais que os ocupam.

Refletindo especificamente acerca da chamada área da “Manaus Moderna” que se localiza no centro da cidade de Manaus/AM, busca-se evidenciar, a partir de falas de diferentes sujeitos, uma cidade heterogênea, configurada a partir de uma multiplicidade de vivências e experiências que se relacionam das mais diversas maneiras.

Palavras-Chave: História, Trabalho, Cidade, Trabalhadores, Fontes Orais.

Abstract

This paper proposes a reflection on the constitution of the city from the use and the various senses that the townspeople spaces acquires for different social groups that occupy them.

Thinking specifically about the area called "Modern Manaus" which is located in the city of Manaus/AM (Manaus downtown), we seek to demonstrate, from the speech of different subjects, a heterogeneous city, configured from a multiplicity of experiences and learning which are related in various ways.

Key words: History, work, City, Workers, Oral Sources.

“o que nos interessa neles[LUGARES DE MEMÓRIA] , no que hoje constitui a minha perspectiva, é sua presença na memória operária, é aquilo que os operários interrogados nos dizem a seu respeito” (RÉBÉRIOUX, 1992: 49). Buscando inspiração nas palavras de Madeleine Rébérioux quando fala dos lugares de memória dos operários, este artigo propõe

¹ Universidade Federal do Amazonas - parosilva@yahoo.com.br

uma reflexão acerca da constituição da cidade a partir dos usos e sentidos diversos que os espaços citadinos têm para os diferentes grupos sociais que os ocupam.

Nesta perspectiva, compreende-se que a história da cidade só tem sentido quando se busca compreender as vivências, as lutas cotidianas em defesa de interesses diversos, os modos de morar, trabalhar, se divertir e viver. A cidade é, nesta perspectiva, palco e também resultado de experiências múltiplas. Compartilha-se da **“concepção que busca captar e investigar, nas relações sociais instituídas na cidade, o entendimento de modos de viver, de morar, de lutar, de trabalhar e de se divertir dos moradores que, com suas ações, estão impregnando e construindo a cultura urbana”** (FENELON, 1999, p. 6, grifo nosso).

Procurou-se problematizar a configuração atual da chamada área da Manaus Moderna², buscando compreender como a mesma tem se transformado e quais os significados/sentidos dessa transformação e as suas diversas feições. Que identidades comporta? Que conflitos o constitui/constituiu? Que memórias e histórias o têm marcado e quais tem sido ou foram apagadas? Que interesses, poderes e forças permeiam a constituição dessa área?

Ao buscar refletir sobre tais questões, acredita-se estar contribuindo para a reflexão e a crítica dos processos recentes das intervenções urbanas que se apresentam como processos de renovação da cidade e da qualidade de vida de seus habitantes.

² A denominação “Manaus Moderna” está relacionada ao Projeto “Manaus Moderna” (“Programa de melhorias físicas do município de Manaus-AM”), que foi criado na segunda metade da década de 1980, pelo governo estadual, com financiamento do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), prevendo uma série de intervenções na área urbana de Manaus



Mapa1 – Área da Manaus Moderna (Fotografia do Satélite)

Fonte: Manausonline(2009)

Legenda: 1 – Igreja Na. Sra. Dos Remédios; 2 – Terminal de Cargas e descargas do Porto Flutuante de Manaus; 3- Mercado Municipal Adolpho Lisboa; 4 – Feira Manaus Moderna; 5 – Estacionamento da Feira Manaus Moderna; 6 – Feira da Banana; 7 Avenida Manaus Moderna; 8 – Avenida Marquês de Santa Cruz

A Manaus Moderna é reveladora de como a cidade é heterogênea, configurada a partir de uma multiplicidade de vivências e experiências que se relacionam das mais diversas maneiras, constituindo uma identidade específica na cidade, o que em muitos momentos foi interpretado, principalmente pelas elites políticas/econômicas, como uma desordem no espaço urbano.

Revista Litteris
www.revistalitteris.com.br
ISSN: 19837429
setembro de 2014
N.14

Dossiê História Social do Trabalho na Amazônia

No Amazonas, o final do século XIX³ e a primeira década do século XX trouxeram uma aceleração econômica gerada pelo crescimento da demanda mundial do látex, produto da seringueira, árvore nativa da região. Manaus, sendo a capital do estado, seu principal ponto de chegada e saída, atraiu imensas levas de migrantes, sobretudo nordestinos, que em muitos casos, fugindo da seca, buscavam oportunidades em algum seringal.

A cidade passou por um significativo crescimento demográfico não acompanhado de infraestrutura e, conseqüentemente, com limitadas condições de abarcar tamanha dinamicidade. Por outro lado, seringalistas, principalmente estrangeiros enriquecidos da noite para o dia, demandavam mudanças no meio ambiente da cidade, buscando comodidade e diversão, copiando as novidades vindas da Europa e se espelhando no velho continente como modelo de desenvolvimento.

As intervenções no centro da cidade de Manaus se deram, pois, naqueles anos, seguindo as premissas europeias que já vinham sendo seguidas por outras cidades brasileiras, e trazendo como marca fundamental dessa metamorfose a exclusão de antigos moradores e trabalhadores pobres.

A segunda metade do século XX também foi marcada por intervenções no meio ambiente social de Manaus. Com a instalação da Zona Franca de Manaus, uma nova lógica se apresentava à dinâmica da cidade, que passou por remodelações, atendendo aos interesses que se impunham.

Nota-se que a preocupação com o disciplinamento e a intervenção no solo urbano, portanto vêm de longa data; entretanto, os princípios que movem essa intervenção têm se transformado na medida em que a sociedade capitalista avança e coloca novas questões. (MARICATO:2007, p. 123)

3 Desde o século XIX, as elites políticas e econômicas têm se preocupado com a “ordem e a disciplina” nos espaços citadinos. Assim, a vasta literatura sobre o assunto tem dado conta de que o esvaziamento da zona rural e o crescimento desordenado das cidades europeias, em função da industrialização no século XIX, geraram preocupações e intervenções, principalmente nos centros das grandes capitais.

Manaus, de forma geral, e a área da “Manaus Moderna”, de forma específica, são frutos dessas intervenções, que, em diferentes momentos, a partir do final do século XIX, foram se colocando em atendimento a interesses imediatos variados e a partir de concepções diversas.

Se por um lado essas intervenções tem sido concebidas e implementadas por grupos sociais que detêm o poder político e econômico, não se pode esquecer que tais intervenções urbanísticas são mediadas; às vezes aceitas, às vezes não, e até mesmo reelaboradas por diferentes personagens que, não fazendo parte dos grupos sociais que as concebem, intervêm de forma efetiva no fazer-se urbano, uma vez que ocupam esses espaços e os disputam, compondo desta forma as “feições” da cidade.

As vivências e experiências destes sujeitos são importantes na medida em que permite perceber como essas feições são dinâmicas e portanto, não podem ser compreendidas por um viés apenas, uma vez que a cidade se configura a partir de uma “guerra de lugares”, no dizer de Antônio Arantes (2000a).

Sendo assim, os depoimentos de diferentes sujeitos sociais que vivenciam o cotidiano da Manaus Moderna possibilita refletir como aquele espaço e a cidade podem adquirir diferentes sentidos.

Josildo dos Santos (Em 22/04/2010), que ganha a vida na Manaus Moderna como carregador de mercadorias conta que começou a trabalhar naquela região quando tinha 15 anos (na época, a avenida estava sendo construída), não como carregador, mas “*fazendo de tudo um pouco*”. Vendia verduras que ganhava dos feirantes – ou que, muitas vezes, catava no lixo. Ficava próximo às bancas de verduras de algum conhecido e ajudava as “*madames a levar as verduras para o carro*”, ganhando um “*trocadinho aqui e outro ali*”, narrou ele. “*Fui me **profissionalizando** carregador*” (grifo nosso).

Para ele, mesmo sendo muito cansativa, não tem do que reclamar da profissão, pois consegue dar uma vida digna à esposa e aos filhos. “*Tudo de acordo com nosso limite, né?*”, explicou.

Josildo apontou para uma importante questão, a autonomia, já que, segundo ele: “*Ninguém te manda, você mesmo faz seu horário, claro que se não chegar bem cedo vai ficar sem trabalho, mas é tu que decide, tá me entendendo? Não tenho patrão pra me encher...*”.

Para esse trabalhador, não ter a figura do patrão controlando o seu tempo se constitui em importante elemento, mesmo que, na realidade, esse tempo seja controlado por outras circunstâncias, como por exemplo, a grande concorrência que exige que ele esteja ali bem cedo, ou mesmo os “vários” patrões que o contratam para realizar algum carregamento.

Ao ser questionado sobre o significado da Manaus Moderna, Josildo disse que:

Olha, isso aqui pra mim é assim... Como eu te digo? Esse lugar aqui, as pessoa têm muito... é... preconceito com a gente, porque, de fato, é um lugar que a Senhora vê de tudo, é drogado, é bêbado, é trombadinha, né? É esse tumulto todo aqui, todo dia, todo dia... Mas eu te digo uma coisa, é daqui que eu tiro o pão de cada dia, né? Então, pra mim, a Manaus Moderna é muito importante. Se eles tirarem o porto aqui, como sempre fala que vai tirar, mais eu num acredito que tirem, a Senhora veja bem, como esse povo vai fazer pra sustentar a família com dignidade?

A fala do depoente expressa, na materialidade de seu cotidiano, quais são as contradições com que ele e muitos outros trabalhadores lidam, e, fundamentalmente, expressa o preconceito sentido por ele pelos discursos generalizantes.

Assim, Josildo fez questão de marcar que existe sim “bêbado”, “drogado”, “trombadinha”, mas essa é só uma faceta dessas pessoas que têm suas histórias e suas dignidades, bem como há também o trabalhador que não pode, de acordo com seu entendimento, ser “enquadrado” nesse olhar generalizante e preconceituoso.

A Manaus Moderna adquire aqui o sentido de espaço de sobrevivência. Para o depoente, é apesar, e em função, do tumulto daquela espacialidade, que ele pode dar o que considera uma vida digna à sua família.

A retirada do porto significa, para esse carregador, e para muitos outros, a retirada de sua sobrevivência. O que alguns grupos sociais enxergam como degradação e sujeira é visto por esses trabalhadores como oportunidade de sustento próprio e de suas famílias.

Josildo, revela ainda que existe uma diversidade de sujeitos, oriundos de situações e mesmo lugares bastante distintos que têm na Manaus Moderna seu lugar de sobrevivência. Em sua fala, pode-se notar dois aspectos contraditórios. Por um lado, ele apontou certa rivalidade com “os que vêm de fora”, pois entende que estes estão tomando o lugar dos amazonenses. Entretanto, por outro lado, também apontou as amizades que fez e as possibilidades de trocas de experiências.

O depoente, ao ser perguntado sobre os trabalhadores que vêm de fora, disse:

Olha, aqui é essa misturada toda que a Senhora pode ver, né? Tem gente de tudo o que é canto, Ciará, Maranhão, Rondônia e por aí vai. O problema é que o caboco daqui já tem a dificuldade de se mantê, e vem o povo de fora, acaba tomando nosso espaço mesmo, né? [...] [...] Eu mesmo tenho muitos conhecidos que é cearense, paraibano, maranhense, e a gente sabe muitas coisa de lá...

A migração para Manaus tem se mostrado uma alternativa às dificuldades vivenciadas em diversas partes do Norte e Nordeste do país, e também no interior do Amazonas. Desse modo, não é difícil encontrar esses migrantes trabalhando naquela área, seja como carregadores, seja desempenhando outras atividades, como feirantes na Manaus Moderna.

A área da Manaus Moderna se mostra enquanto espaço privilegiado desses vários migrantes na cidade de Manaus.

Joseilson é maranhense, feirante desde os 8 anos de idade, e mora em Manaus desde 1999 porque, segundo ele: “*Todos nós lá em cima, ao completar os seus 18 ano, então o*

futuro dele é... é sair aventurando, né, outros estados – Amazonas, São Paulo... Então eu vim parar aqui no Amazonas”(Em 10/12/2005):

Na fala de Joseílson, pode-se notar como ele lida com as contradições postas pela vida. Ele contou que, como muitos nordestinos, veio para Manaus “se aventurar”, buscando construir um futuro melhor. Para esse trabalhador, a área da Manaus Moderna adquiriu um sentido para além da sobrevivência: de uma oportunidade acolhedora. Ele disse que costuma brincar que a Manaus Moderna é, na verdade, “mãe moderna”. Pois, ali, há oportunidade de trabalho e, até mesmo, de moradia.

Ele contou:

Eu vim trabalhar direto aqui na Feira Manaus Moderna, trabalhava e morava durante 6 meses num... num box, então é... Muitas pessoas perguntava: “ – E aí, onde tu mora?” Eu dizia: “ – Ah, eu moro lá no Hotel Moderna”. Aí... eu num... mas tu nem lembrava que ficava no centro da cidade e tal, mas eu nem lembrava o endereço. Aí... aí, com o tempo, é... eu vim conhecendo mais... (Em 10/12/2005)

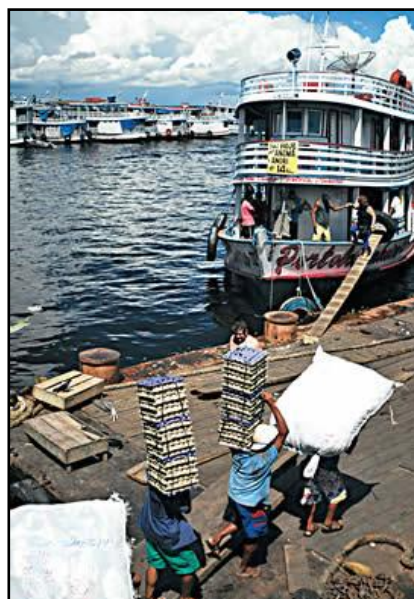
Para esse trabalhador e para tantos outros, a cidade de Manaus tem significado a partir da área da Manaus Moderna. Foi naquele espaço que ele chegou e se instalou, viveu por seis meses sem conhecer o restante da cidade e estabeleceu ali suas relações de amizade e de trabalho. Como ele mesmo nos apontou, foi somente “*com o tempo, é... eu vim conhecendo mais*”. Para ele, a área da Manaus Moderna é o espaço em que cidade ganha sentido.

As Fotografias 1 e 2 revelam um cotidiano de trabalho bastante peculiar nas proximidades da Manaus Moderna, que também se mostra assim:



Fotografia 1 - Carregadores da Manaus Moderna carregam os barcos que saem com passageiros e mercadorias para inúmeros lugares.

Fonte: Imagem publicada no Jornal “A Crítica” (edição *on-line*, de 16 de maio de 2005).



Fotografia 2 - Produtos sendo carregados.

Fonte: Revista Planeta (2008).

Dentre os muitos aspectos que podem ser observados nas fotografias acima, a presença dos carregadores de mercadorias é, sem dúvida, o mais marcante. O trabalho desses

carregadores na área da Manaus Moderna consiste em levar para os barcos as mais diversas mercadorias que serão transportadas para outros municípios e também descarregar os barcos que chegam com produtos advindos dos mais variados locais.

As imagens instigam a refletir sobre o fato de que esses trabalhadores vêm impondo sua presença naquela espacialidade por sua importância para aquela atividade econômica, a despeito de reiterados esforços para retirá-los. Mesmo quando são obrigados a se retirar dali, nota-se que esses trabalhadores têm buscado mecanismos de se reinserir, se reintegrando ao espaço, marcando-o com sua presença e com seu modo de trabalhar e de ser.

Josildo, ao falar sobre as dificuldades enfrentadas para se manter trabalhando naquela espacialidade, fez uma interessante reflexão:

Quando tá chegando a eleição, todos eles defende o trabalhador daqui, seja o carregador, os ambulante, todo mundo aqui. Mas passou um dia que eles tomou posse, eles já querem tirar o morador de rua, o trabalhador, daqui, né... Fala que é para deixar aquela parte da cidade limpa, preparada pros turista. Em vários momentos, eles querem tirar à força, como já aconteceu, né? Algumas vezes. Aqui é um leão por dia. Eu do meu lado lhe digo uma coisa, eles não conseguem me tirar daqui porque eu sei que não existe uma lei que proíbe o ser humano de trabalhar, de ganhar sua sobrevivência.

Importa notar, aqui, como esse trabalhador tem clareza de que boa parte dos representantes públicos têm se comprometido com as classes detentoras do poder econômico que desejam ampliar cada vez mais seus ganhos.

Sua fala evidencia a luta de classes que tem se estabelecido na cidade de Manaus. É dessa forma, enfrentando os interesses dos grupos que queriam, à época de seu depoimento, transformar a Manaus Moderna numa área turística e assim poder lucrar mais, que muitos trabalhadores vão, ora resistindo, ora se conformando, ora se integrando aos interesses dominantes, garantindo sua sobrevivência.

É possível perceber ainda, pelas fotografias acima, práticas que vêm se mantendo ao longo dos anos, como por exemplo, o carregamento da mercadoria realizado nos próprios ombros.

As inúmeras e diversificadas mercadorias compradas, na maioria da vezes, por interioranos, bem como uma multiplicidade de peixes (pescados nos diversos rios da região), verduras e frutas (provenientes do Nordeste e Sudeste do país), têm um ponto de encontro na Manaus Moderna. É em seu porto improvisado que essa multiplicidade de mercadorias aporta, cabendo a esses carregadores fazer o transporte.

Em dezembro de 2008, uma revista de circulação nacional trouxe uma reportagem sobre o porto improvisado da Manaus Moderna e, destacando o trabalho dos carregadores, apontou alguns elementos interessantes:

Nesse caótico mundo de Manaus Moderna, torna-se imprescindível a presença dos carregadores, que, tal como formigas obreiras, levam a mercadoria das ruas para dentro dos navios. Alguns impressionam pela força e destreza com que equilibram os produtos transportados - o que, claro, também tem seu preço: Salvanei de Oliveira carrega quatro sacos de laranjas de uma só vez, algo em torno de 120 quilos, o que lhe rende R\$ 1,50. Em um dia bom, chega a tirar R\$ 150 – ou seja, repete cem vezes o esforço que já parece hercúleo se executado uma única vez (REVISTA PLANETA, 2008).

O artigo apontou a importância dos carregadores naquela espacialidade, dizendo que sua presença é “imprescindível” naquele espaço. Entretanto, há que se notar que o destaque recai sobre o esforço “hercúleo” despendido por aqueles trabalhadores no exercício de sua profissão, e, ainda, não deixa de imprimir uma visão preconceituosa e generalizante daquele grupo de pessoas.

Nesse sentido, cabe destacar que os trabalhadores são tratados, aqui, como “formigas obreiras”, ou seja, o articulista buscou imprimir àqueles trabalhadores uma conotação até mesmo primitiva. Ao chamá-los de “formigas”, buscou retirar sua humanidade, os conflitos,

as lutas vivenciadas na materialidade do dia a dia, para aproximá-los de meros animais irracionais.

Entretanto, quando se observa o depoimento de Josildo em contraponto ao trecho destacado, o foco recai sobre outro aspecto. Em sua fala, o que se destaca é a “importância” de seu trabalho. O esforço empreendido não ocupa muito espaço em suas reflexões, a não ser para reforçar a importância de sua atividade.

Ao ser questionado sobre a importância que atribuía ao seu trabalho, o depoente acrescentou que:

É sim... É um trabalho importante, por que tu vê, né? Se num existisse o carregador, quem ia fazê nosso serviço? Porque tu tem que tê pique! Tu tem que tê... corage. Ficá nesse desgaste aí, num é pra qualquer um não... Tu tem que sê profissional no negócio... (Em 22/04/2010)

Esse trabalhador tem uma relação bastante sedimentada com essa atividade. Ele faz questão de ressaltar, que se “*profissionalizou*” enquanto carregador. E que a profissão, como qualquer outra, comporta exigências – nesse caso, muita força física –, bem como comporta riscos, e que ele, enquanto profissional, assumiu tais exigências e tais riscos.

As fotografias, o artigo destacado, assim como a fala de Josildo, também chamam a atenção para a diversidade de mercadorias transportadas, o que aponta para a dinâmica daquela espacialidade. Pode-se observar nas imagens o transporte de uma infinidade de mercadorias, como colchões, ovos, sacos com mantimentos e muitas caixas com frutas e verduras. Isso indica a importância desse espaço tanto para a cidade Manaus como para outras cidades do interior, sendo porta de entrada e saída das mais diversas relações da cidade. A cidade pulsa e existe naquele espaço.

A fala de Josildo é esclarecedora desse cotidiano pulsante. Ele trabalha por conta própria, realizando transporte das mais diversas mercadorias para o interior dos barcos.

Carrego de tudo, né? Desde alimento, bebida que o pessoal compra pra vendê no interior, roupa, de tudo que tu pudé imaginar aparece por aqui pra gente fazê esse transporte [...] Aí tu cobra de acordo com o que tu combina com o cliente, né? Às vezes, tu tá num aperreio, qualquer um que entra já te alivia, né? (Em 22/04/2010)

“De tudo que tu pude imaginar”. É assim que Josildo traduz a infinidade de mercadorias que passam por ele cotidianamente. São interioranos que vêm comprar mercadorias para revender em suas cidades. Desde roupas, materiais de pesca, bebidas, colchões e muitos outros objetos fazem parte da paisagem da Manaus Moderna.

Em 16 de maio de 2005, o caderno “Cidades” do diário local “A Crítica” enfatizava as dificuldades enfrentadas cotidianamente pelos usuários do porto da Manaus Moderna, retratando a área da seguinte forma:

A vida na Manaus Moderna (orla do rio negro que compreende a área da antiga escadaria dos remédios e adjacências), pulsa em uma frenética e caótica engrenagem. Calor, mau cheiro, sujeira, engarrafamento, vendedores ambulantes, **carregadores**, flanelinhas, som de buzina, catadores de lixo, caminhoneiros, assaltantes, bêbados [...] (grifo nosso).

Ao retratar o frenesi do espaço onde as pessoas transitam, numa área extremamente disputada, a matéria também deixa pistas para refletir sobre o cotidiano de trabalho na área da Manaus Moderna. Importa perceber como esse espaço comporta uma multiplicidade de micromercados, como “vendedores ambulantes, flanelinhas, catadores de lixo”, congregando os mercados “legalizados” e os inúmeros micromercados “extraoficiais”.

Na Manaus Moderna, o comércio “oficializado” de hortigranjeiros e pescados de feirantes que atuam no Mercado e na Feira Manaus Moderna convive e possibilita a emergência dos vendedores ambulantes, dos moradores de rua que sobrevivem daquilo que é tido como “lixo das feiras”, bem como dos flanelinhas que buscam sua sobrevivência vigiando os carros que ali estacionam.

Na sequência, o artigo citado enfatizava que essa rotina pulsante se inicia antes mesmo de o dia nascer:

O dia começa cedo para quem vive da feira, antes do nascer do sol, com a chegada dos barcos que ancoram nas balsas do porto carregadas de peixe. Às 3h, quando a maior parte da cidade ainda dorme, trabalhadores como o carregador Aldemar Dias, 35, já estão de pé para garantir o sustento. Entre o sobe e desce das escadarias, muitos buscam nas pequenas doses de cachaça a força para resistir ao cansaço (JORNAL A CRÍTICA, publicado em 16 de maio de 2005).

O movimento se inicia cedo, no ritmo da chegada do pescado, das verduras e frutas. É comum ver grande movimento lá pela 1 hora, 2 horas, 3 horas da madrugada. A dinâmica é dada de acordo com a chegada das mercadorias.

Com um trabalho desgastante fisicamente e bastante concorrido, os carregadores têm se constituído enquanto pessoas fundamentais naquela área, que também comporta uma gama variada de microcomércios, fazendo desse espaço na cidade um espaço fundamental para a sobrevivência dessas pessoas.

Diante desse cenário, é possível perceber que, entre várias expectativas que a área da Manaus Moderna comporta, certamente a esperança de muitos trabalhadores que a veem como espaço de oportunidade de trabalho para obtenção de seu sustento se faz presente de forma fundamental.

Obter o sustento também é a expectativa de muitas pessoas que vivem ou perambulam pela Manaus Moderna em busca daquilo que, para muitos, é considerado resto, ou mesmo lixo. Para essas pessoas, essa área significa um espaço de onde é possível retirar o mínimo para a sua sobrevivência.

A atividade dos catadores, ainda que seja uma situação extrema, é também uma estratégia de sobrevivência que, muitas vezes, é combinada com outros trabalhos, tanto desse trabalhador como de sua família, para garantia da vida. Por outro lado, também sinaliza a falta

de crítica a uma sociedade de consumo e desperdício, em que o sustento de uns é considerado lixo e resto por outros.

A fotografia abaixo, foi publicada em 23 de abril de 2003, na primeira página do jornal diário “Amazonas em Tempo”:



Fotografia 3 Pessoas em busca de frutas e verduras nos contêineres da Manaus Moderna.

Fonte: Imagem publicada no Jornal “Amazonas em Tempo”, em 23 de abril de 2003.

Essa imagem apresenta uma cena corriqueira no entorno da Manaus Moderna. São pessoas que vêm em busca de frutas e verduras que são consideradas, pelos feirantes e seus clientes, como restos/lixo.

A reportagem que a fotografia em questão ilustrava se intitulava “**Paisagem feita de lixo**”. Assinada por Patrícia Almeida, a matéria apresentava um panorama bastante decadente da Manaus Moderna.

O texto se iniciava da seguinte forma:

Revista Litteris
www.revistalitteris.com.br
ISSN: 19837429
setembro de 2014
N.14

A Manaus Moderna fede, ponto de atração turística da cidade, o entorno da Manaus Moderna mais assusta do que revela a beleza da capital do Amazonas. Passar pela avenida Beira Rio virou um verdadeiro tormento para a população que além de enfrentar engarrafamentos, precisa conviver com lixo e mau cheiro (JORNAL AMAZONAS EM TEMPO, publicado em 23 de abril de 2003).

Mais adiante, a reportagem continuava dando conta do lixo que boia na época em que o rio sobe, dos “bêbados e drogados” que incomodam os pedestres, do trânsito caótico, entre outras mazelas vividas naquele espaço.

Após discorrer acerca de todas essas questões, vinha o subtítulo: “**Comida**”, no qual a articulista apontava que:

Empurrados pela miséria, muitas famílias encontram nos contêineres de lixo da Manaus Moderna, o alimento de cada dia. Apesar do aspecto sujo e do mau cheiro dos depósitos de lixo, diariamente mulheres, homens e crianças disputam verduras e frutas que foram jogadas fora pelos feirantes (JORNAL AMAZONAS EM TEMPO, publicado em 23 de abril de 2003).

E continuava, dizendo que:

Alheios, ao sentido da palavra “cidadão”, a maioria deles não acha humilhante catar comida no lixo. “Não é lixo, dá para aproveitar muita comida que é jogada fora”, comenta a aposentada Maria Ferreira, 67 anos, que afirma já ter se acostumado com o mau cheiro do contêiner (JORNAL AMAZONAS EM TEMPO, publicado em 23 de abril de 2003).

Os três trechos da reportagem aqui transcritos remetem a alguns elementos bastante elucidativos acerca das disputas vivenciadas na área da Manaus Moderna. Em primeiro lugar, vale notar a aproximação do discurso jornalístico ao discurso do poder público municipal (dos grupos os quais representa), que enxerga aquela área enquanto espaço degradado que “esconde a beleza da cidade” e, conseqüentemente, alerta para a necessidade de saneá-lo.

Outro elemento a ser refletido refere-se à imagem que o artigo quer passar dos catadores que ganham a vida no entorno da Manaus Moderna. Segundo a autora da reportagem, os catadores foram empurrados pela miséria e vivem destituídos de cidadania, numa situação, que a seu ver, é humilhante.

Entretanto, observando a fala de uma catadora, entrevistada pela jornalista pode-se notar que ela vai justamente à contramão desse discurso. Quando a Sra. Maria Ferreira disse que: “*Não é lixo, dá para aproveitar muita comida que é jogada fora*”, ela estava apontando para a jornalista outra narrativa de sua condição, até porque ela é aposentada e, mesmo que essa aposentadoria seja suficiente, ela defende sua condição de catadora.

Desse modo, a atividade de catadora, ao que parece, se apresenta enquanto um complemento que ajuda na sua sobrevivência e de sua família, e ainda traz implícita uma crítica ao desperdício cotidiano da Feira Manaus Moderna, na medida em que percebe que muitos alimentos jogados no lixo podem ser perfeitamente utilizados.

Para ela, aquilo que é considerado lixo para os consumidores/clientes da Feira Manaus Moderna é, na verdade, um grande desperdício. Ela claramente apresenta uma crítica à sociedade do consumo quando disse com toda convicção à jornalista: “*Não é lixo*”.

Essa questão pode ser observada na continuidade do texto, quando a articulista explicou que:

Com os olhos atentos, Maria espera que os feirantes despejem frutas e verduras nos contêineres da Manaus Moderna. Com as mãos ligeiras, ela cata pimentas, tomates e folhas de couve que pretende preparar para o almoço que vai alimentar os cinco netos. Ela conta que antes de comer ela lava com cuidado as frutas e verduras que apanha na Manaus Moderna (JORNAL AMAZONAS EM TEMPO, publicado em 23 de abril de 2003).

Mesmo insistindo em passar sua visão dos catadores da Manaus Moderna enquanto catadores de lixo, o texto não consegue se sobrepujar à fala da entrevistada. A Sra. Maria fez

questão de esclarecer à sua interlocutora, que bem higienizados, os alimentos colhidos nos contêineres da Manaus Moderna servem perfeitamente para alimentar a sua família.

A fala e atitude da Sra. Maria impõem uma reflexão acerca de valores e atitudes numa sociedade capitalista que segue a lógica do consumo para gerar maior lucro. Nesse sentido, a Sra. Maria tem clareza de que um alimento que se encontra, por exemplo, apenas amassado em função do transporte ou do mau manuseio não pode ser considerado lixo e simplesmente ser descartado, tendo em vista uma grande parcela da população que não tem acesso suficiente a ele.

Importa entender, ainda, como essas pessoas são percebidas por grupos das elites representadas pelo poder público municipal. Nota-se, que elas são vistas como “problemas”, cuja solução passa pela necessidade de afastá-las, no mínimo, do campo de visibilidade.

Em 10 de dezembro de 2005, o então administrador da Feira Manaus Moderna, Sr. Ivo Ribeiro de Almeida, comentando sobre a presença dos catadores no interior e arredores da feira, chamava a atenção para uma questão importante. Segundo ele:

As próprias mães trazem os filhos, elas catam lá fora, porque aqui, hoje, nós tamos coibindo com o pessoal da SEMULSP⁴, e os filhos vêm pra dentro da feira quando são meninas, aí... meninos e meninas, então o que que nós tamos fazendo hoje, uma vez na semana, é incerto, nós chamamos o pessoal da SEMINF⁵, que é a Secretaria da Infância e... nós mandamos... recolhemos eles, para fazer o serviço, orientação, há a recusa, tal, aquele negócio todo, mas eles vão, tá! Aí, nós tamos ajudando nesse trabalho dessa forma, com as crianças. (Em 10/05/2005)

Aqui, importa perceber a forma como o poder público, na pessoa de seu representante, lida com a situação e busca soluções. O “problema” é visto em duas perspectivas que geram, por conseguinte, duas frentes de solução.

⁴ SEMULSP (Secretaria Municipal de Limpeza e Serviços Públicos).

⁵ SEMINF (Secretaria Municipal de Infância e Juventude).

Primeiro, o “problema” é visto como questão de sujeira e, para isso, faz-se necessário que se promova uma limpeza. Então, chama-se a Secretaria responsável pela limpeza pública, retira-se o “lixo” e, com isso, acredita-se que os “indesejáveis” ocupantes do espaço não mais se farão presentes.

Em segundo lugar, o “problema” também é visto como uma questão de delinquência, o que exige um trabalho de regeneração, que pode ser obtido a partir de orientação, e quem sabe, até com punições, já que há uma recusa desses menores de se encaminharem à SEMINF. Para isso, conta-se com o trabalho da Secretaria responsável pelo “recolhimento” e “orientações desses menores”.

Dessa forma, a solução que tem sido encontrada parece ser mesmo uma tentativa de afastamento dessas pessoas. Isso é dito de forma clara pelo Sr. Ivo, no decorrer da conversa:

Mas juntando a parte da SEMULSP, que é a Secretaria Municipal de Limpeza Pública, à própria SEMAF⁶, nós estamos conseguindo controlar isso, a limpeza melhorou... Os catadores estão mais distantes, isso pra gente tem... tem nos dado uma ajuda muito boa. (Em 10/05/2005)

Muitas vezes vistas como “problema” de saneamento, aquelas pessoas vão resistindo e na disputa pelo seu espaço, vão imprimindo suas vivências na configuração da Manaus Moderna.

Compreender aquela espacialidade passa pela reflexão de que aquele espaço comporta múltiplos significados. Sendo assim, deve ser entendida enquanto espaço de oportunidade de trabalho e também local de não trabalho; como espaço degradado, mas também como lugar para se viver e morar.

“Aqui, se você não for um pouco mais esperto que os outros, acaba se perdendo”. O conselho dado pelo Sr. Milton Tavares ao articulista do jornal “A Crítica” aponta para um

⁶ SEMAF (Secretaria Municipal de Abastecimento, Mercados e Feiras).

outro importante elemento da Manaus Moderna: viver e trabalhar ali exige certa habilidade (A Crítica”, em 20 de agosto de 2005).

Habilidade essa que só a experiência de viver ali confere. O Sr. José Moraes da Paz é camelô, casado, 45 anos de trabalho na área da Manaus Moderna, e contou, com certo orgulho, que, trabalhando naquele espaço, adquiriu a esperteza e a sagacidade que o cotidiano ali exige. Segundo o Sr. José:

A gente vai dando os pulo da gente, né? Vai conseguindo sobreviver... que ... Até porque a gente num é besta, né? A gente sabe... tantos anos na Marquez [Marquez de Santa Cruz é uma rua comercial nas imediações da Manaus Moderna e está indicada no mapa 1 deste trabalho] vai deixar um cabra embrulhar a gente? Num deixa mesmo!. (em 28/06/2008,)

Assim, diante da grande concorrência, a “desonestidade”, como é vista pelo Sr. José, muitas vezes se faz como estratégia de sobrevivência. Ao chamar a atenção para esse aspecto, o Sr. José disse que não gosta de camelô, porque, apesar de muitas vezes existir entre eles certa solidariedade, na maioria das vezes a concorrência fala mais alto do que a amizade, levando esses trabalhadores a serem “desonestos uns com os outros”, de acordo com seu pensamento.

Configurando-se como espaço de grandes contradições, a Manaus Moderna evidencia as próprias contradições da cidade e traz, em seu bojo, lutas e conflitos de diferentes grupos sociais. Esses conflitos revelam valores distintos, projetos diversificados que se confrontam e convivem, configurando os espaços na cidade.

A Manaus Moderna se configura, atualmente, num espaço fundamental e vital para a cidade de Manaus, e, ao buscar compreendê-la, é preciso estar atento aos inúmeros aspectos que ela comporta. E é preciso estar atento, também, aos sentidos atribuídos àquele espaço pelos diversos personagens que a compõem.

REFERÊNCIAS:**FONTES ORAIS**

1. Nome: **CALIANE GONÇALVES**
Data da entrevista: 22 de abril de 2010.
2. Nome: **IVO RIBEIRO DE ALMEIDA**
Data da entrevista: 10 de dezembro de 2005.
3. Nome: **JOSÉ MORAES DA PAZ**
Data da entrevista: 28 de junho de 2008.
4. Nome: **JOSEÍLSON**
Data da entrevista: 10 de dezembro de 2005.
5. Nome: **JOSILDO DOS SANTOS**
Data da entrevista: 22 de abril de 2010.
Entrevistadora: Patrícia Rodrigues da Silva.
6. Nome: **MÁRCIO ROBERTO ROCHA AGUIAR**
Data das entrevistas: 20 de abril de 2005 e 27 de junho de 2007.

FONTES DIVERSAS

_____. **Imagens aéreas de Manaus**. [S.l.], 2007. Disponível em:
<<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=523393>>. Acesso em: 20 nov. 2008.

JORNAL AMAZONAS EM TEMPO. Manaus, 23/04/2003.

JORNAL A CRÍTICA. Manaus, 23/02/2003.

_____. Manaus, 16/05/2005.

_____. Manaus, 20/08/2005.

REVISTA PLANETA. **Manaus Moderna**: No vaivém do grande mercado das águas. São Paulo, dez. 2008. Disponível em:
<<http://www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/435/artigo119715-1.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2009.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. IN: VAINER, Carlos B.; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BENTES, Rosalvo Machado. **A Zona Franca e o processo migratório para Manaus**. 1983. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 1983.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidades: espaço e memória. In: SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória**. São Paulo: DPH, 1992.

COSTA, Francisca Deusa Sena. **Quando viver ameaça a ordem urbana:** trabalhadores urbanos em Manaus (1890/1915). 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

DIAS, Edineia Mascarenhas. A ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920. 1989. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus 1899-1925. 2. ed. Manaus: EDUA, 2003.

RÉBÉRIOUX, Madeleine. Lugares da memória operária. In: SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. O Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania/DPH. São Paulo: DPH, 1992.